



Não  
teremos  
prova!

**UMA EXPERIÊNCIA DE  
AVALIAÇÃO CONSTRUTIVA  
COM INSTALAÇÃO  
GEOGRÁFICA**

**Autora: Maria Cynara G. de Alencar  
Orientador: Emerson Ribeiro  
Crato - CE 2020**



MARIA CYNARA GONÇALVES DE ALENCAR  
EMERSON RIBEIRO

NÃO  
TEREMOS  
PROVA!

**UMA EXPERIÊNCIA DE AVALIAÇÃO CONSTRUTIVA COM  
INSTALAÇÃO GEOGRÁFICA**

ISBN 978-65-00-08646-1 .

Crato - 2020

**Produto educacional do Mestrado Profissional de Educação (MPEDU) da Universidade Regional do Cariri (URCA).**

# **PESQUISADORES**

Maria Cynara Gonçalves de Alencar  
Emerson Ribeiro

# **DIAGRAMADORA**

Maria Cynara Gonçalves de Alencar

## SUMÁRIO

<b>INQUIETUDES INICIAIS .....</b>	<b>06</b>
<b>1. PASSOS PARA A FUGA .....</b>	<b>08</b>
<b>2. FUGINDO AOS PARADIGMAS .....</b>	<b>16</b>
<b>3. PARA ALÉM DA PROVA - AVALIAÇÃO CONSTRUTIVA EM INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS.....</b>	<b>48</b>
<b>4. MAIS QUE AVALIAÇÃO - POTENCIALIDADES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS DAS INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS.....</b>	<b>59</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>67</b>



# **INQUIETUDES INICIAIS**

Produto educacional do Mestrado Profissional em educação  
Universidade Regional Do Cariri - URCA

Qual a reação de uma turma de alunos ao ouvir a afirmação “*Não teremos prova!*”? Mesmo que não seja docente, mas na posição de aluno que foi ou é, você provavelmente tem noção da euforia de maior parte dos discentes nesta situação. Talvez nem precisemos perguntar-nos a razão para tal, pois pela nossa vivência escolar sabemos muito bem a conotação que “a avaliação” tem para esses sujeitos. Em muitas realidades as provas são utilizadas como instrumento de domínio, de controle e até mesmo de medo, condição que gera em muitos aversão pelo processo avaliativo, por estar atrelado a uma prova, nota ou conceito. Os quais podem inclusive estereotipar os sujeitos, inferiorizando-os devido aos seus resultados em testes. E o pior esses estereótipos podem acompanhá-lo vida a fora, marcando negativamente, sobretudo no campo profissional.

Mas afinal, precisa a avaliação ser esse “bicho papão” na vida dos estudantes? Está o mesmo sempre vinculado a uma prova ou teste? O intuito desse texto é mostrar justamente o contrário. Partindo de estudos como os de Cipriano Luckesi, Jussara Hoffman, Charles Hadji, José Libâneo, dentre outros, nota-se que essa ideia de avaliação como ferramenta punitiva, além de ultrapassada, corresponde a um processo pontual e limita-

do que não avalia de fato, apenas constata erros e classifica os sujeitos. Segundo estes autores, a avaliação precisa estar preocupada com o avanço do aluno e deve ser norteadora na tomada de decisões do docente. Nesse contexto, e numa proposta ousada, emerge a ideia de avaliação construtiva por meio de Instalações Geográficas, uma metodologia do professor Emerson Ribeiro que idealizou e realiza na sua prática docente.

A referida metodologia, além de ser ferramenta de ensino, também envolve uma avaliação em que o aluno tem papel atuante e expõe sua visão do estudado, fora caracterizar-se como um processo divertido. Apresentamos aqui uma discussão das potencialidades desta estratégia pedagógica e avaliativa. Para tanto, abordamos inicialmente a descrição das etapas; posteriormente, trazemos um exemplo de realização da metodologia; em seguida, pondera-se sobre o aspecto avaliativo desta e, finalmente, enumera-se as potencialidades didático-pedagógicas desta ferramenta.

***Se você é avesso aos paradigmas e gosta do diferente, convido-o a adentrar as próximas páginas!***



Produto educacional do Mestrado Profissional em educação da  
Universidade Regional Do Cariri - URCA

# 1. PASSOS PARA A FUGA



Uma das discussões mais frequentes no contexto educacional da atualidade é: de que maneiras é possível inovar a prática de ensino de modo a atrair a atenção e integração do discente? E ainda, como avaliá-lo considerando todo o processo de aprendizagem? Porém, apesar dos questionamentos, na prática pouco se tem feito no sentido de diversificar a atuação, promover o engajamento e avaliar o aluno de forma construtiva, limitando pois, essas importantes questões ao campo teórico.

No ensino de geografia uma alternativa tem mostrado-se de grande relevância frente a essas necessidades didático-pedagógicas, é a metodologia Instalações Geográficas. Segundo seu autor esta metodologia compreende: “uma forma de representação de um conteúdo geográfico pesquisado e trabalhado criativamente com signos e símbolos aplicados sobre materiais produzidos ou não pelo homem. (RIBEIRO, 2016, p.12)”. Ou seja, agrega arte e conteúdo através de materiais triviais para representação dos assuntos apreendidos. Dessa forma, corresponde a uma metodologia que integra e instiga a ação consciente e deliberada do aluno, afim de que construa seu aprendizado.

Consiste, portanto, numa metodologia interativa em que o sujeito é provocado a recorrer à arte para a expressão do saber. No seu percurso o aluno necessita: aprofundar-se no mesmo por meio de uma pesquisa; exercitar o movimento de teoria à prática; interagir com os demais ao discutir suas propostas, e por fim, expor sua visão através de uma obra de arte (a instalação) a um público. Desse modo, envolve participação ativa do discente em cada etapa, demanda por esforço e aquisição de conhecimento para que se possa internalizar conceitos e posteriormente materializá-los.

O desenvolvimento desta metodologia abarca também um processo avaliativo que é considerado formativo/construtivo já que dá-se de forma contínua e inclusiva. Neste o aluno tem um papel ativo e acompanhamento constante do professor a fim de corrigir possíveis erros e adequar estratégias. Corresponde assim, a um processo em que há uma preocupação com o avanço do aluno, verdadeira intenção do ensino e da avaliação.

Para uma maior compreensão acerca da mesma, apresenta-se a seguir uma descrição detalhada de sua realização no fluxograma (Figura 1) abaixo:



Figura 1: Fluxograma das etapas de desenvolvimento das Instalações Geográficas



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

De princípio, os conteúdos devem ser ministrados utilizando-se de procedimentos didáticos diversos de modo a facilitar a compreensão e apreensão dos mesmos. Pode-se então, recorrer ao uso de textos, vídeos, histórias em quadrinhos, experimentos, músicas, enfim, todos os recursos possíveis a fim de tornar o conhecimento mais palpável e compreensível. Dessa forma, possibilita-se que o aluno tenha o suporte teórico a ser convertido em simbologias relevantes para a apreensão do conteúdo pelo mesmo.

Paralelamente, o professor deve estimular os estudantes, por meio da fala e dos recursos didáticos escolhidos, a desenvolverem a imaginação e a criatividade, bem como a identificarem no seu cotidiano elementos do que está sendo estudado e como representá-los. Deve ainda, indicar ou definir com o grupo o material que servirá de base para a exposição os quais devem ser adquiridos pelos mesmos. Isto porque, a arte da instalação se dá pela sobreposição de objetos diversos num objeto comum que tenha ligação ou remonte a ideia de algo relevante ao tema que será representado, ou ao conteúdo mais amplo no qual este esteja inserido.



A pesquisa é uma das etapas mais significativas desse processo, pois os estudantes precisam pesquisar algum tema dentro do conteúdo para que possam complementar o que aprenderam com as aulas ministradas, tendo assim suporte teórico para o que irão representar materialmente na instalação. Com essa base teórica, estes são convidados a produzir um texto que trate do assunto pesquisado e indique os símbolos e signos que irão utilizar para montar sua instalação. Nesse sentido, torna-se aqui oportuno um breve comentário de esclarecimento sobre signos e símbolos.

Segundo Oliveira (1995, p.30), na perspectiva de Vygotsky “signos são interpretáveis como representação da realidade e podem referir-se a elementos do espaço e do tempo presentes.” Para serem considerados símbolos, estes precisam apresentar uma carga cultural (JUNQUEIRA, 2009), ou seja, o símbolo corresponde a um signo convencionado culturalmente. Entende-se assim, signos e símbolos como marcas externas que auxiliam os sujeitos a internalizar conhecimentos por meio de associações e representações da realidade. Compreendem, desse modo, importante ferramenta para a aprendizagem.

Na continuidade da realização da metodologia, faz-se a teia de ideias. De textos em mãos, os discentes fazem a leitura dos mesmos explanando um pouco sobre o tema a ser representado, indicando os objetos que serão utilizados e seus significados. A partir de então, há uma discussão em que o(a) professor(a) e os colegas colaboram com sugestões acerca da adequação dos materiais que comporão a Instalação de cada um. É um momento de grande interação e que simboliza de forma mais perceptível o caráter coletivo de construção de saberes.

Após o debate ficam acertados detalhes de local e horário para montagem e exposição das Instalações Geográficas, que pode ocorrer na escola ou universidade, assim como, em lugares públicos: ruas, praças, shoppings, museus etc. Na ocasião da apresentação, os discentes explicam ao público os significados dos símbolos utilizados, o que eles exprimem.

A explicação é um requisito primordial das Instalações Geográficas, visto que artes desse tipo podem dar margem a inúmeras interpretações e por ser peculiar demanda que o autor esclareça seu sentido. Essa etapa é também uma ocasião de grande aprendizado para o aluno, pois para explicar ao público precisa ter boa compreensão e segurança da ideia que quis expressar na obra, bem como, ter clareza desses significados.



Na sequência realiza-se o desmonte e a produção de outro texto, ou mesmo o primeiro refeito, em que podem ser indicados ajustes posteriores à teia de ideias quanto aos objetos utilizados, pontos positivos e negativos da metodologia e as impressões do público e pessoais sobre a experiência vivenciada. É o momento de analisar a experiência, de avaliação e autoavaliação.

Ao longo desse processo, através das falas, expressões e dos textos produzidos pelos alunos vão sendo analisadas as percepções e dificuldades apresentadas pelos mesmos. A partir disso, são feitos ajustes didático-pedagógicos visando sanar dúvidas ou deficiências de aprendizagem durante o percurso, com o intuito de proporcionar um aprendizado consistente do que foi estudado nas etapas até aqui descritas.

Temos consciência de que não existe receita pronta e acabada de práticas e metodologias com garantia de dar certo, no entanto, também somos conscientes da necessidade de buscar fazer diferente, de procurar estratégias que desafiem e motivem nossos discentes para que, dessa forma, encontrem a melhor maneira de aprender a aprender. É nessa perspectiva que a presente metodologia se propõe. Que tal conhecermos um exemplo prático? Então, vamos lá!

Produto educacional do Mestrado Profissional em educação  
Universidade Regional Do Cariri - URCA

## **2. FUGINDO AOS PARADIGMAS**



Com o intuito de ilustrar a experiência da metodologia anteriormente descrita, trazemos um relato de realização desta na Escola de Ensino Médio Adrião do Vale Nuvens, em Santana do Cariri, Ceará. Onde participaram alunos do primeiro ano e trabalhou-se o conteúdo clima e a interferência humana.

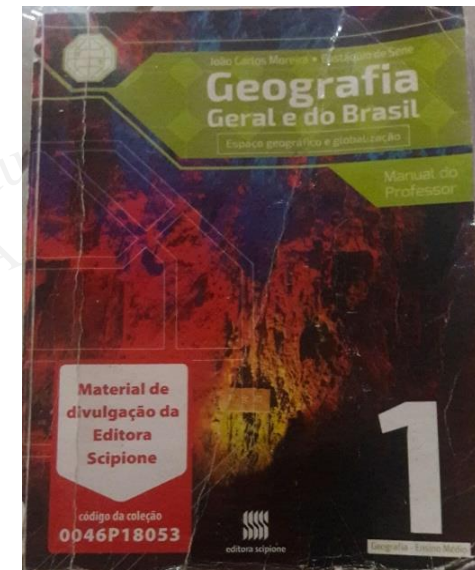
Conforme já fora indicado, o desenvolvimento da metodologia inicia-se com o estudo dos conteúdos de modo diversificado. Na experiência aqui descrita recorreu-se a explicação dialogada, a análise de mapas e gráficos, ao uso de músicas, caça-palavras e à exibição de filme, como é possível observar no quadro abaixo que traz a sequência didática adotada.

**Quadro 1:** Sequência didática utilizada na turma do 1º ano A. Conteúdo: Clima e a Interferência Humana

<b>Data</b>	<b>Atividade</b>
	Estudo do conceito de clima e tempo, fatores e elementos climáticos. Explicação dialogada
<b>07.11.2018</b>	Estudo da circulação atmosférica e tipos de clima. Análise de mapas e climogramas.
<b>14.11.2018</b>	Estudo dos climas do Brasil. Explicação e uso de músicas.
<b>21.11.2018</b>	Exibição do filme Lorax: em busca da trúfula perdida.
<b>28.11.2018</b>	Discussão sobre a interferência do homem no clima com base no filme, no conteúdo e dados.
<b>05.12.2018</b>	Explicação sobre a metodologia das Instalações Geográficas; Construção de uma caça-palavras com conceitos-chaves e produção do texto de signos e símbolos.
<b>12.12.2018</b>	Teia de ideias.
<b>19.12.2018</b>	Continuação da teia de ideias e acertos finais para a montagem da Instalação.
<b>02.01.2019</b>	Montagem e exposição das Instalações geográficas.
<b>09.01.2019</b>	Produção do relatório de impressões.

A abordagem desses conteúdos teve como base o livro didático adotado na escola (Figura 2) e materiais complementares. A utilização do livro didático ainda é uma das ferramentas mais importantes e acessíveis nas escolas brasileiras. A esse respeito Castellar *et al* (2015) reflete: “Em tempos de multimídia, computadores, ensino à distância, o livro didático ainda continua sendo um dos suportes mais importantes no cotidiano escolar e é, sem dúvida, o mais utilizado e solicitado” (CASTELLAR *et al*, 2015, p. 137). O trabalho a partir do mesmo é de grande relevância, principalmente quando se tem um livro que considera a diversidade, aborda com coerência e exatidão as informações, e ainda, apresenta forte viés crítico como é o caso da coleção adotada pela escola: *Geografia Geral e do Brasil – espaço geográfico e globalização de Estáquio de Sene e João Carlos Moreira*, representado ao lado.

Figura 2: Livro didático utilizado.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020.



Após o estudo dos conceitos fundamentais do conteúdo, por meio de explicação dialogada, visando identificar as variações climáticas no mundo e no Brasil, bem como da representação dessas variações foi feita a análise de mapas de clima e de climogramas (gráfico de representação das características climáticas de um lugar, precipitação e temperatura).

Essa etapa esteve pautada na ideia de que grande parte da compreensão de geografia passa pelo olhar, pela observação e análise, e no entendimento de que essa postura auxilia o discente na apreensão dos conceitos, como é indicado por Castellar *et al* (2015, p. 25): “a apropriação conceitual se dá no momento em que o aluno não só identifica o fenômeno no mapa, mas consegue interpretá-lo e utilizá-lo no cotidiano”. Ou seja, é necessário que o discente desenvolva a competência indicada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN 1998) de utilizar a linguagem gráfica e cartográfica para obter informações, entendendo os mapas como forma de expressão e comunicação entre os homens.

Nesse momento foi indicado aos discentes que seriam avaliados de forma diferente e que precisariam conseguir um guarda-chuva, porém sem dar mais detalhes, ao que os mesmos mostraram-se curiosos e inquietos por entender o que seria feito com esse material, informação que só tiveram mais na frente, como será descrito.

Na aula seguinte conhecemos um pouco mais dos climas do Brasil para isso recorreu-se ao uso de músicas que retratam essa temática. Fundamentando-se na percepção de Castrogiovanni *et al*, (2016):

Hoje com as “descobertas” inseridas nas inteligências múltiplas é sabido que o aluno necessita transitar pelas diferentes linguagens sociais. Entre elas temos a música. É fundamental que a escola trabalhe com diferentes linguagens, ou seja, com uma multiplicidade de meios que provoquem as diferentes vias sensoriais (CASTROGIOVANNI *et al*, 2016, p.67).

Assentado na necessidade de diversificar as metodologias, ferramentas e estratégias de ensino a fim de possibilitar um maior aprendizado, a música mostrou-se uma alternativa cabível e eficiente nesse contexto. A acessibilidade, fácil aceitação e o envolvimento que a música apresenta reforça o critério de escolha como ferramenta pedagógica.

A música pode ser vista como uma forma de representação social e de grande importância pedagógica, visto que: “O trânsito pedagógico que ela oferece é de uma aprendizagem por reestruturação, ou seja, uma releitura de concepções que temos da realidade (CASTROGIOVANNI *et al*, 2016, p.73)”. Por conseguinte, além de atrativa a linguagem musical pode possibilitar um espaço de diálogo e de entendimento de conceitos relevantes do estudo geográfico.

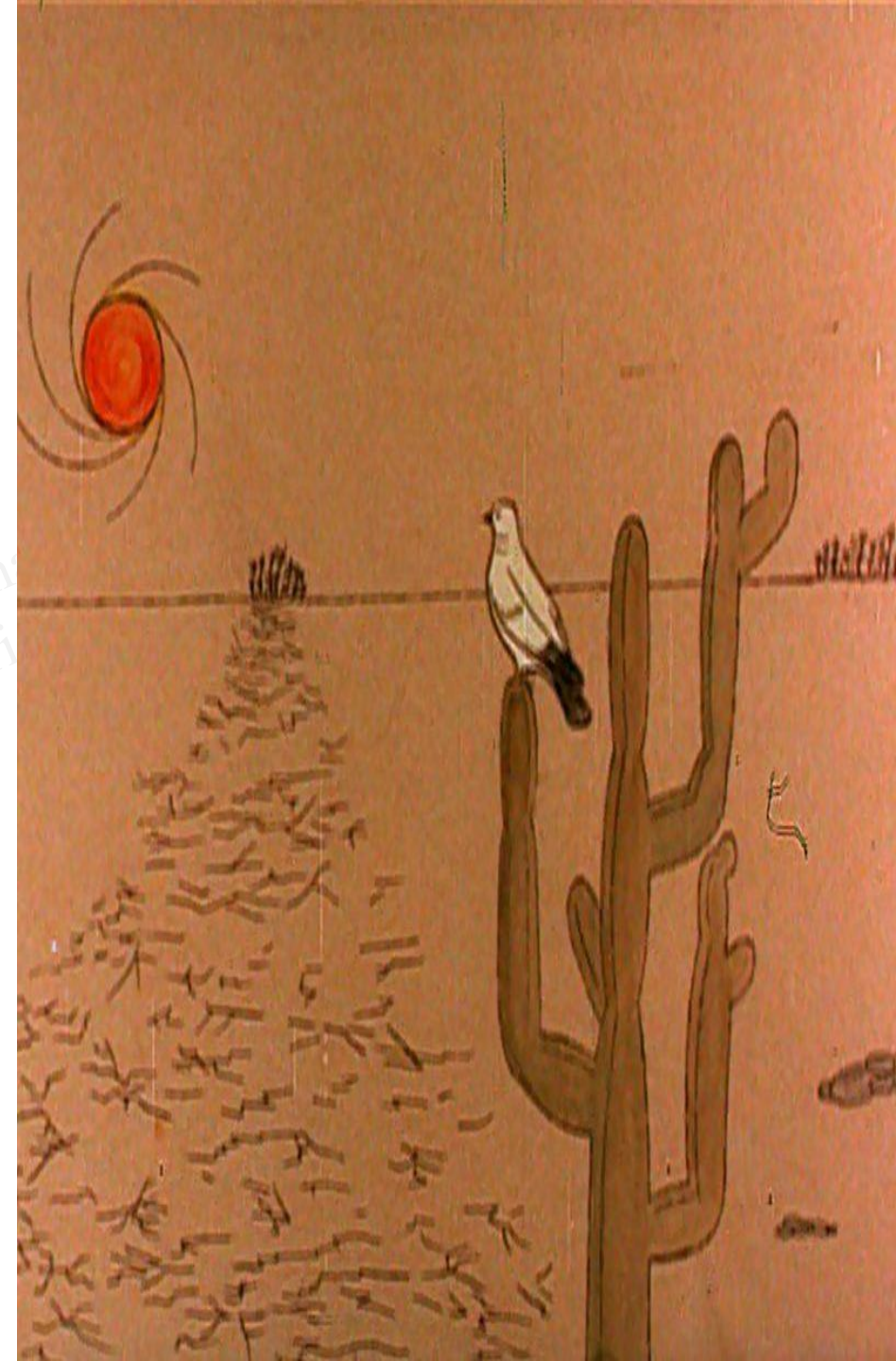
Nesse sentido, Castellar *et al* (2015, p.227) ressalta:

Outra possibilidade ainda mais abrangente, é a análise de documentos musicais à luz de um eixo temático. Essa prática permite não só o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação do documento musical mas também a compreensão de conceitos subjacentes às músicas escolhidas.

Nessa perspectiva, ilustra-se o conteúdo e permite-se a identificação de conceitos relevantes de forma mais atrativa e interessante ao aluno, criando um espaço de análise, diálogo e construção de concepções acerca do que está sendo estudado. Foi justamente nessa linha de pensamento que se deu o trabalho com música nesta etapa.



Assim, o uso de músicas foi realizado por meio da adaptação de uma proposta de atividade do livro *Ensino de geografia: caminhos e encantos* organizado por Castrogiovanni *et al* (2016), nesta se faz uma análise, após a audição das músicas *Asa branca* e *Volta da asa branca* de Luiz Gonzaga (cujas letras são apresentadas abaixo), acerca das condições climáticas do nordeste e suas implicações sociais, a partir do que, é feito um contraponto com regiões que têm condições climáticas diversas.



## Asa Branca

**Luiz Gonzaga**

Até mesmo a asa branca  
Bateu asas do sertão  
Entonce eu disse, adeus Rosinha  
Guarda contigo meu coração

Entoce eu disse, adeus Rosinha  
Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas léguas  
Numa triste solidão  
Espero a chuva cair de novo  
Pra mim voltar pro meu sertão

Espero a chuva cair de novo  
Pra mim voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus olhos  
Se espalhar na plantação  
Eu te asseguro não chore não, viu  
Que eu voltarei, viu  
Meu coração

Eu te asseguro não chore não, viu  
Que eu voltarei, viu  
Meu coração

## **A Volta da Asa Branca**

**Luiz Gonzaga**

Já faz três noites  
Que pro norte relampeia  
A asa branca  
Ouvindo o ronco do trovão  
Já bateu asas  
E voltou pro meu sertão  
Ai, ai eu vou me embora  
Vou cuidar da prantação

A seca fez eu desertar da minha  
terra  
Mas felizmente Deus agora se  
alembrou  
De mandar chuva  
Pr'esse sertão sofredor  
Sertão das muié séria  
Dos homes trabaiador

Rios correndo  
As cachoeira tão zoando  
Terra moiada  
Mato verde, que riqueza  
E a asa branca

Tarde canta, que beleza  
Ai, ai, o povo alegre  
Mais alegre a natureza

Sentindo a chuva  
Eu me arrescordo de Rosinha  
A linda flor  
Do meu sertão pernambucano  
E se a safra  
Não atrapaiá meus pranos  
Que que há, o seu vigário  
Vou casar no fim do ano.

Foi feita então a audição das músicas e após a escuta propôs-se responder aos seguintes questionamentos:

- Que tipo de clima é retratado nas músicas?
- Quais características deste são descritas nas letras?
- Por que o sertanejo vê o sertão como “a terra ardendo”?
- Por que o sertanejo saiu de sua terra?
- Povos de outras regiões do Brasil também saem de suas terras por esse motivo?

O trabalho com as músicas foi bem interessante, pois despertou a atenção e o interesse dos alunos, além de permitir a análise das questões sociais decorrentes das condições climáticas e refletir sobre a realidade vivenciada por nós nordestinos neste âmbito. Permitiu ainda relacionar conceitos importantes como migrações, êxodo rural, desigualdades regionais, enfim, foi possível realizar uma abordagem bastante contextualizada do tema.

Percebe-se desse modo, ser o uso de músicas como estratégia didática bastante efetivo, pois como já foi dito nos permite explorar conceitos de maneira mais lúdica, além de ocasionar um ambiente agradável e uma sensação de bem-estar aos ouvintes. Como afirma Muniz (2012, p. 81): “(...) é uma das artes que mais influencia na subjetividade, nos desejos e nos comportamentos humanos, por ter a capacidade de mexer com as nossas emoções”. No entanto, deve-se ressaltar que a intenção dessa atividade não deve ser apenas no campo subjetivo, muito menos ser realizada de maneira superficial como um apêndice da aula, mas explorando e contextualizando a letra aos aspectos mais relevantes de serem percebidos e discutidos.

Nestor Kaecher destaca dois aspectos relevantes do trabalho com música, o primeiro, o fato de que “a música não substitui a problematização/reflexão/sistematização do professor (KAECHER, 1996, p.115)”, ressaltando que a relação professor/aluno é o cerne do processo de ensino-aprendizagem; o segundo, e mais relevante, trata do sentido principal dessa atividade:

O objetivo maior não é (só) tornar a aula mais “legal”, mas sim a partir das letras questionar o que o aluno já sabe a fim de superar visões de mundo conformistas, conservadoras ou ligadas somente ao senso comum (KAECHER, 1996, p.115).



Assim, evidencia-se a necessidade de não se utilizar os recursos, a exemplo da música, apenas com caráter ilustrativo dos conteúdos, mas sempre buscando relacionar, contextualizar, e, principalmente, instigar a compreensão e o posicionamento crítico do discente do que está sendo abordado.

Como vimos, a utilização de músicas aproxima o aluno dos conteúdos estudados, principalmente, quando estas trazem elementos comuns ao seu cotidiano, fato que ressalta a importância das músicas aqui utilizadas. A regionalidade encontrada nas canções destaca elementos característicos e identitários do semiárido e do nordeste, contribuindo para a percepção e valorização das riquezas locais.

Nesse sentido, as músicas de Luiz Gonzaga destacam-se, representando importante recurso didático-pedagógico ao ensino de geografia, conforme ressalta Pereira (201, p. 143-144):

O semiárido brasileiro foi retratado com bastante fidedignidade nas canções de Luiz Gonzaga, o qual deixou um rico acervo musical, podendo este ser explorado em sala de aula de modo a trabalhar os conteúdos geográficos, relacionando-os com os elementos característicos desta região [...] e, conseqüente, valorização dos elementos que compõem tais localidades, quer sejam o clima, a vegetação, o relevo, a hidrografia, a cultura, dentre outros.

Utilizando tais canções, portanto, promovemos uma dinamicidade na aula; criamos um espaço de reflexão e discussão de aspectos naturais e sociais relevantes; além de fomentarmos o conhecimento e a valorização das riquezas materiais e imateriais da região, e a compreensão de condições históricas vivenciadas no semiárido brasileiro.

Após o estudo dos conceitos gerais de clima, o próximo tópico estudado foi o de fenômenos climáticos e a interferência humana no clima. Para instigar a discussão sobre essa questão, depois da aula expositiva foi exibido o filme Lorax : Em Busca da Trúfula Perdida (Figura 3), filme infantil de 2012 (Escrito por Theodor Seuss Geisel e dirigido por Chris Renaud) que retrata a estória fictícia de uma cidade futurista onde não há mais ar, porque não existem mais árvores, as quais foram extintas pela ação humana que visando apenas o lucro, desmatou e poluiu impactando drasticamente o meio ambiente.

**Figura 3:** Foto de capa do filme Lorax: Em Busca da Trúfula Perdida.



Fonte: site adorocinema.

O Lorax ressalta a importância de cuidar da natureza, bem como nos possibilita analisar a relação do clima com a vegetação e, principalmente, a ação humana sobre este. De forma criativa, divertida e bem curiosa, cria uma realidade imaginativa compatível com a mentalidade infantil, mas que também prende a atenção de adolescentes como o público em questão, e até mesmo de adultos, devido ao seu enredo permeado de ação. Com a análise do filme, então concluímos a abordagem teórica dos conteúdos.

A opção pela utilização de filme como recurso pedagógico nesta etapa, deveu-se ao fato de a representação fílmica figurar como ferramenta acessível e benquista pelos discentes, como discorre Castrogiovanni *et al* (2016, p.79-80):

(...) filmes são recursos de fácil acesso pelo professor e de grande aceitação por parte dos alunos, uma vez que estes se caracterizam por operar pela imagem, pelo simbólico e por valorizar os eventos, o “show” do professor.

Assim, os filmes nos possibilitam uma ludicidade na aula, pois sua estrutura de imagem em movimento atrai a atenção, permite a compreensão e também a reflexão sobre o que está sendo retratado, o que foi explorado através da discussão após a exibição do mesmo. Além de representar um espécie de lazer, que leva o aluno a “fugir” um pouco do engessado ritual de exposição oral dos conteúdos, e que por isso, é uma atividade frequentemente requisitada pelos mesmos.

Dessa forma, o uso de filme não funciona apenas como uma ilustração do conteúdo abordado, mas como recurso que gera a discussão e reflexão, bem como oportuniza a crítica a partir do que e como foi abordado. Nesse sentido, Barbosa (2018, p.112) afirma:

O papel do filme na sala de aula é de provocar uma situação de aprendizagem para alunos e professores. A imagem cinematográfica precisa estar a serviço da investigação e da crítica a respeito da sociedade em que vivemos. Trata-se, portanto, de um movimento de apropriação cognitiva da relação espaço-imagem e, principalmente, da criação de sujeitos produtores de conhecimento e reconhecimento de si mesmos e do mundo.

É, desse modo, uma ocasião favorável à busca de interpretações, bem como de construir inter-relações do exibido com o vivido e de ampliação do diálogo com e entre os discentes, o que torna o momento ainda mais rico e espaço propício a construção de aprendizado. Pois, permite ao aluno a possibilidade de interpretação de diferentes linguagens, além da percepção de que o aprendizado faz-se por meio de elementos do seu cotidiano como é o caso de um filme.

O próximo passo foi a apresentação e detalhamento da metodologia Instalação Geográfica para a turma, o que se fez com o auxílio da projeção de imagens em Datashow e exposição dialogada das etapas que deveriam ser cumpridas. E como já havia sido indicado em aulas anteriores eles agora entenderam para que precisariam conseguir um guarda-chuva.



Nesta mesma aula, foram agrupados em equipes, de no máximo cinco alunos, de acordo com as afinidades e/ou proximidade dos domicílios, e definidos os temas que iriam representar nas Instalações, foi informado também que deveriam trazer na próxima aula: a pesquisa sobre o tema e o texto descrevendo os signos e símbolos que seriam utilizados na instalação de cada grupo.

Para adiantar e facilitar a pesquisa, ainda em sala foram divididos em duplas, as quais deveriam elaborar um caça-palavras com os conceitos-chave do conteúdo, os quais foram posteriormente, trocados entre as duplas para a resolução. Esta estratégia ajudou muito na identificação dos elementos principais dos conteúdos estudados, pois para produzir um caça-palavras eles precisaram identificar os verbetes mais relevantes do tema que escolheram e, além disso, elaborar uma dica que facilitasse ao colega encontrá-la; esse exercício auxiliou-os a irem associando o que poderiam colocar no guarda-chuva.

A atividade acima descrita orientou-se pela reconhecimento da importância da construção e/ou identificação de conceitos pelo discente como promotor de saber, o que é evidente na fala de Soares (2001,

p.101): “A elaboração dos conceitos permite aos alunos produzir conhecimentos, condição fundamental para que compreendam a realidade e a transformem.” Na mesma linha de pensamento Cavalcanti ressalta a relevância dessa prática na vida cotidiana: “A construção de conceitos é uma habilidade fundamental para a vida cotidiana, uma vez que possibilita à pessoa organizar a realidade, estabelecer classes de objetos e trocar experiências com o outro (CAVALCANTI, 2013, p.139)”. Isto posto, entende-se que mesmo a atividade proposta não sendo aprofundada, possibilitou ao discente revisitar textos, inferir informações, organizar ideias na elaboração do caça-palavras, formulando assim conceitos, auxiliando a apreensão dos conteúdos abordados.

É chegado, então o momento da teia de ideias. De posse de seus textos os grupos iam, expunham suas ideias e dúvidas e coletivamente iam surgindo as opiniões e sugestões até que todos os grupos tivessem com seus materiais definidos. Este foi um momento de muita agitação, mas bastante produtivo, pois muitos estavam confusos e até inseguros, outros bem entusiasmados. E quando definiam os objetos ficavam aflitos sobre onde e como obter o material, enfim foi uma ocasião de produção coletiva, ficando tudo planejado.

A exposição foi então marcada para o retorno das aulas após recesso de fim de ano, na pracinha da escola. Os mesmos tinham agora a missão de conseguir os materiais para no dia planejado concretizarem suas ideias e materializarem seu aprendizado. A inquietude, ansiedade e curiosidade dos mesmos acerca de como seria o momento de exposição das Instalações estava nítida nas expressões e na energia da turma, ocasião em que se percebe o ensino vivo.

Como já indicado a Instalação é montada num material base, que pode ser definido pelo professor ou coletivamente, no caso em questão, foi por mim definida. Este material tem um sentido e uma relação com a temática abordada. No caso do guarda-chuva, a escolha se deu por representar bem a questão climática, por ser um instrumento representativo das mudanças atmosféricas.

No dia marcado todos com materiais em mãos, os quais foram adquiridos, individualmente ou com o auxílio de parentes, amigo(a)s, namorado(a)s — o que revela o envolvimento extraclasse — inicia-se a montagem das Instalações (Figura 4). Nesse momento fica evidente o espírito coletivo, o entusiasmo, engajamento e até envaidecimento de alguns por ver seu produto se concretizando.

**Figura 4: Momento de montagem das Instalações Geográficas.**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.



Essa foi a ocasião de ver suas representações de conhecimentos adquiridos tomarem forma, de visualizar os resultados de seus processos internos externalizarem-se por meio dos signos; elementos que tem na sua essência essa característica e “função”. Conforme afirma Oliveira (1995, p.30): “signos podem ser definidos como elementos que representam ou expressam outros objetos, eventos, situações”. Dessa maneira, através dos objetos foram representados os saberes elaborados ao longo das aulas.

Essas representações, no entanto, não se dão de forma neutra, mas como qualquer atividade humana, estão permeadas de cultura e significado, compreendendo nessa perspectiva símbolos. De acordo com Junqueira (2009, p.3): “Para funcionar como símbolo, o signo assume uma carga cultural, fazendo representar-se.” A partir dessa compreensão, Alexandre (2019, p.87) conclui: “Os símbolos são, portanto, constituídos de convicções e valores que expressam crenças, tradições, costumes, ideias, significados e sentidos que se constitui pela identidade e reconhecimento cultural de um povo.” São assim, os signos e símbolos elementos fundamentais nos processos de mediação, e por conseguinte no processo educacional, visto auxiliar na dinâmica de entendimento da realidade externa, bem como na expressão dos valores particulares dos indivíduos.

Nesse sentido, Cavalcanti ressalta a importância dos mesmos: “na sua relação cognitiva com o mundo o homem exerce uma atividade mediada por instrumentos e signos; com estes então, o homem ‘opera’ materialmente e racionalmente no mundo (CAVALCANTI, 2013, p.141).” Figuram dessa forma, como importantes ferramentas no desenvolvimento da aprendizagem, visto possibilitar materializar o abstrato e abstrair o concreto num processo denominado por Vygotsky de internalização.

Segundo Oliveira (1995, p.35) “[...] ao longo do processo de desenvolvimento, o indivíduo deixa de necessitar de marcas externas e passa a utilizar signos internos, isto é, representações mentais que substituem os objetos do mundo real.” Ou seja, a utilização de objetos externos transformam-se em compreensões internas resultantes da mediação, cuja consideração é fundamental ao aprendizado.

O resultado então, foi muito conhecimento artisticamente representado, recorrendo-se a signos e símbolos para expressar a aprendizagem adquirida, as opiniões e críticas ao que foi estudado e que são observadas a seguir nas imagens (Figuras 5 a 10) e nas fichas técnicas que expõem e esclarecem o sentido das obras criadas pelos discentes.

**Figura 5: Instalação Geográfica sobre elementos climáticos.**

**Ficha Técnica:**

**Spray:** simbolizando a umidade.

**Aparelho de medir pressão:**  
representando a pressão atmosférica.

**Fósforo e termômetro:** indicando a  
temperatura.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.

## Figura 6: Instalação sobre fatores climáticos.

### Ficha Técnica:

**Corrente e peixinhos:** correntes marítimas.

**Algodão:** massas de ar.

**Pedras:** relevo.

**Folhas:** vegetação.

**Água e areia:** maritimidade e continentalidade.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.

## Figura 7: Instalação sobre impactos ambientais

### Ficha Técnica:

**Globo:** planeta terra.

**Planta:** vegetação.

**Fósforo:** queimadas.

**Tesoura:** ferramentas de  
desmatamento.

**Carro, moto, cigarro e sacola:**  
poluição.

**Algodão e folha furada:** chuva ácida.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.



**Figura 8: Instalação sobre poluição.**

**Ficha Técnica:**

**Algodão queimado:** fumaça das indústrias.

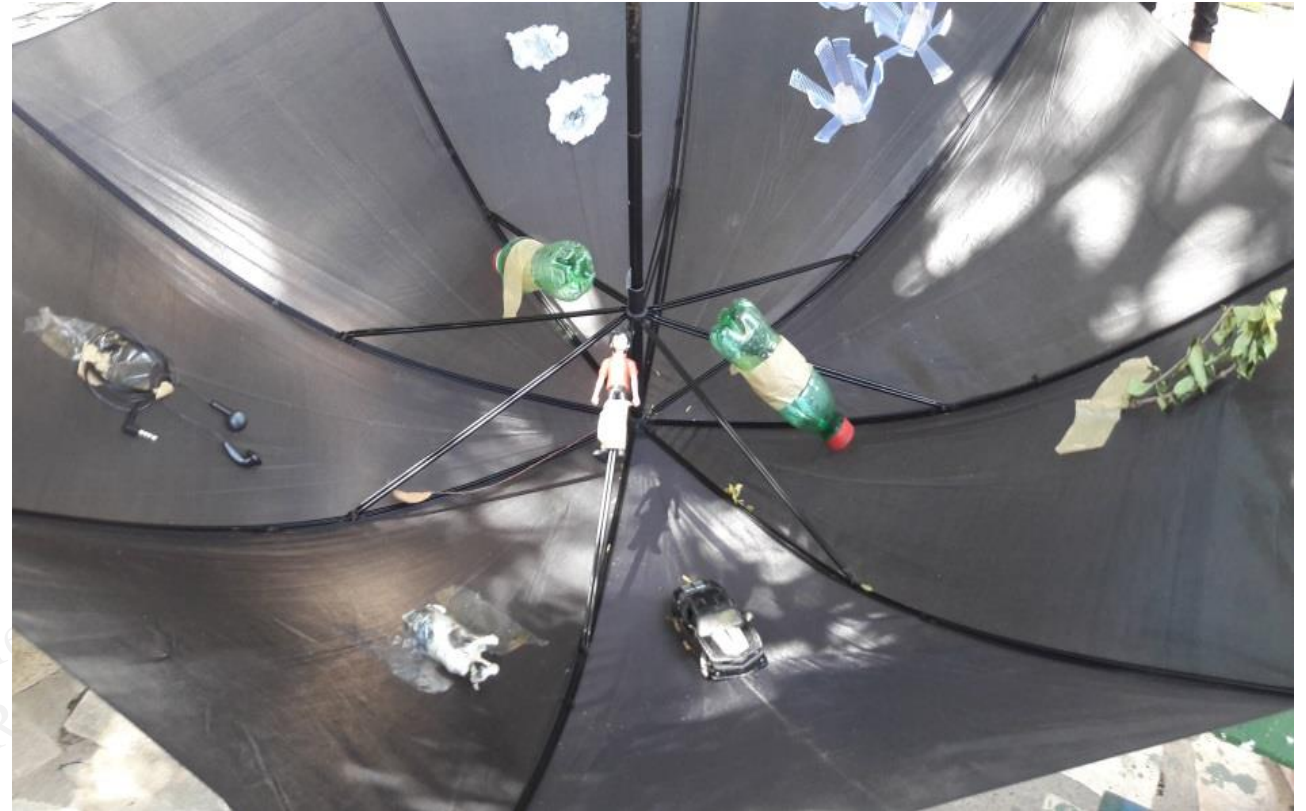
**Garrafa e copos descartáveis:** lixo.

**Boi:** emissão do gás metano.

**Fone de ouvido:** poluição sonora.

**Carro:** fonte poluidora.

**Folhas queimadas:** queimadas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.

**Figura 9: Instalação sobre massas de ar e zonas climáticas.**

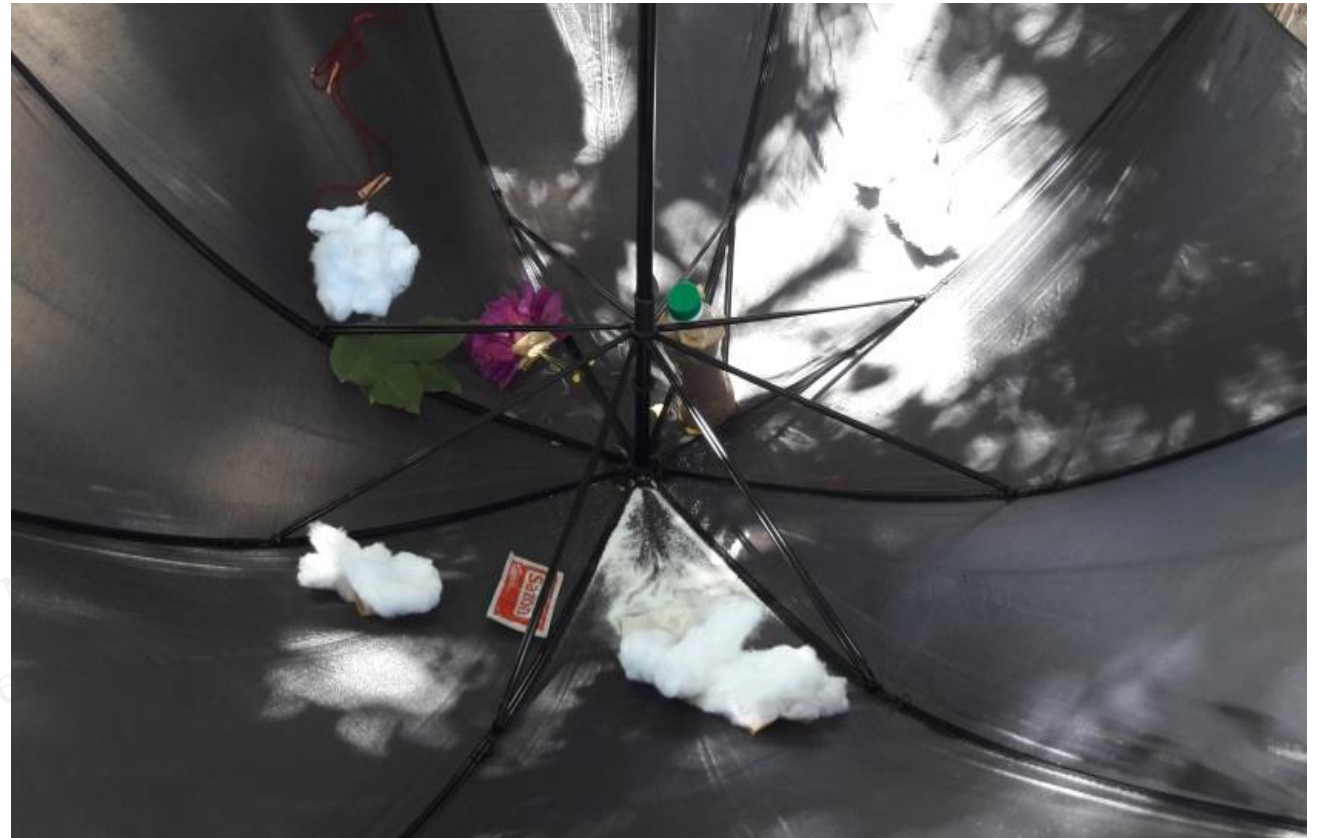
**Ficha Técnica:**

**Algodão e sal:** massas de ar oceânicas.

**Algodão e areia:** massas continentais.

**Algodão, flores e linha:** massas e zonas tropicais e equatoriais.

**Saquinho de tempero:** zonas temperadas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.

**Figura 10: Instalação sobre fenômenos climáticos.**

**Ficha Técnica:**

**Coador furado:** representa o buraco na camada de ozônio.

**Areia com a vela:** simboliza o fenômeno das ilhas de calor.

**Panela invertida:** indica a inversão térmica.

**Tela de estufa:** significando o efeito estufa.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.

Como foi possível visualizar e conforme descrição de Junqueira (1996), a Instalação Geográfica apresenta grande flexibilidade e possibilita recorrer aos mais diversos materiais para que a criatividade de seu autor possa ser expressa:

Sua mobilidade plástica e conceitual permite uma pluralidade de recursos e aceita todo gênero de associações metafóricas. [...] tenta dispor da matéria “real” do mundo com a mesma desenvoltura com que a verdadeira poesia se apossa do “enigma” da palavra (JUNQUEIRA, 1996, p. 569).

Uma diversidade de objetos triviais são utilizados para representar as mais exóticas associações, para simbolizar compreensões, percepções e críticas acerca do que foi estudado, pesquisado e que agora se materializam como uma arte enigmática ao público, mas que fazem todo sentido ao criador.

No entanto, não são apenas os objetos em si que tornam-se a arte, a Instalação, mas, o espaço ocupado pelos mesmos, a posição colocada, o sentido e o significado desse arranjo, que resulta de todo um processo de pesquisa, discussão e apreensões e revertem-se no saber do autor da mesma, único com propriedade para explicá-la, o que acontece durante a exposição.

Sendo assim, já montadas as Instalações ficaram expostas e as turmas foram convidadas a assistir as exposições e explicações. Professores também prestigiaram esse momento de grande aprendizado e movimento na escola, o qual pode ser considerado outro grande estágio de aprendizado e até mesmo de superação, pois os alunos foram desafiados a explicar o significado de sua criação ao público, o que exigiu dos mesmos conhecimento do tema e desenvoltura na oratória, além de superação da timidez ou do medo de falar em público, principalmente, por não ser apenas o de sua turma ao qual já está familiarizado.

Essa etapa é de grande valia para o processo avaliativo das Instalações Geográficas como descreve seu autor:

Neste momento da avaliação, que as Instalações deve se manifestar a criação e o criador se encontram no espaço, pois exige do aluno além da aprendizagem a criatividade perpassa as estruturas mentais, porque exige projeto, projeção mental, força da criação, conhecimento do conteúdo que irá construir durante todo o processo de criação, repetimos, relação por contrastes (RIBEIRO, 2011, p.100).

É, portanto, a oportunidade de maior interação e reflexão em que o sujeito se vê diante de sua obra e tendo que expor o seu sentido aos demais. É onde o concreto e o abstrato se coadunam e se divergem ao mesmo tempo, é o maior desafio e o maior triunfo desse processo, pode assim ser considerado o ápice de toda a realização em questão.



É igualmente, o instante de maior interação em que a obra se dá na totalidade, pois como afirma Junqueira (1996, p.567): “Na verdade, só devemos chamar de ‘obra’ à totalidade resultante da relação entre a coisa instalada, o espaço constituído e o próprio espectador”, mais um motivo para esta etapa ser considerada o auge da metodologia, pois é quando a arte será percebida e sentida por todos.

A respeito da percepção da arte Vigotski (2003) discorre:

Evidentemente, a obra de arte não é percebida com uma total passividade do organismo, nem apenas com os ouvidos ou os olhos, mas mediante uma muito complexa atividade interna em que a visão e a audição são apenas o primeiro passo o impulso básico (VIGOTSKI, 2003, p.229).

E é justamente, por não ser passiva que essa percepção torna evidente as reações esboçadas, espontaneamente, pelos espectadores que expressam espanto, surpresa, estranhamento e admiração quando visualizam, mas não entendem muito bem o exposto. Porém, ao vivenciar a interação com os autores das Instalações compreendem essa representação de aprendizado, de fazer criativo e de criticidade que estão ali exibidas.

As instalações ficaram expostas durante todo o dia, mas como os alunos não estariam o horário todo para esclarecer do que se tratavam aqueles objetos, ficava em cada Instalação uma ficha técnica descrevendo o significado de cada material ali disposto. À noite alguns integrantes foram desmontar suas Instalações.

Na aula seguinte, então, foi o momento de retomar o percurso e avaliar o processo. Produziram um texto relatando os símbolos e signos usados, inclusive indicando mudanças que ocorreram após a teia de ideias, descrevendo as impressões do público e pessoais sobre o momento da exposição, assim como, sobre a experiência vivenciada.

A partir dos referidos textos é possível inferir informações acerca do aprendizado, dos sentimentos, bem como, da opinião dos mesmos em relação à participação nesta metodologia, que também configura um processo avaliativo. Nesse sentido, alguns relatos nos revelam a impressão e avaliação positiva desse tipo de prática:

Saindo da zona de conforto, a avaliação de geografia desse bimestre, traz para nós estudantes uma maneira de expressar o conteúdo através da forma artística utilizando diversificados objetos. [...] A interação faz com que saibamos interagir mais com os colegas de classe e torna a matéria um tanto divertida de ser estudada<sup>1</sup>.

Nota-se dois aspectos relevantes para a aluna, o fato de expressar o conteúdo artisticamente e a interação que tornou a atividade divertida. Este depoimento corrobora a ideia de avaliação construtiva e a formação do indivíduo possibilitada pela metodologia aqui descrita. Revela também a valorização de atividades que provoquem movimento e ação, oportunizando saírem da situação de espectadores.

<sup>1</sup> Trecho do texto de aluna do primeiro ano. Foi mantida a grafia original.

Outra aluna também ressalta a importância de se expressar num processo avaliativo:

[...] foi bem interessante, algo diferente. Gostei do modo de ser avaliada, assim os alunos teria a oportunidade de se expressar mais sobre o conteúdo. Para mim foi bem prazeroso<sup>2</sup>.

A partir do exposto, é notória a satisfação e o engajamento dos alunos numa atividade na qual lhes foi permitido expressar-se de forma artística construindo o conhecimento à sua maneira, além de interagir com os demais trocando ideias e se ajudando mutuamente, dentro de um processo em que houve um acompanhamento docente constante, observando seus avanços e limitações, orientando-os, e ao mesmo tempo, avaliando-os.

Esses são dois depoimentos bastante ilustrativos, da receptividade e das sensações dos envolvidos na metodologia desenvolvida, e o que mais foi citado foi o fato de ser avaliado de forma diferente e não apenas participar de uma prática inusitada. Podemos assim considerar, que um dos aspectos que distingue essa metodologia é o fato de também envolver um processo avaliativo construtivo.

<sup>2</sup> Trecho do texto de aluna do segundo ano. Foi mantida a grafia original.

Produto educacional do Mestrado Profissional em educação da  
Universidade Regional Do Cariri - URCA

### **3. PARA ALÉM DA PROVA - AVALIAÇÃO CONSTRUTIVA EM INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS**

“Tudo o que se afasta de uma preparação para a avaliação escolar clássica (prova oral ou escrita) parece um pouco exótico, anedótico, não muito sério e, no final das contas estranho ao trabalho escolar (PERRENOUD, 1999, p.148)”. É exatamente essa percepção que têm as pessoas habituadas aos sistemas de ensino marcados pelo estatismo, mas conforme se viu nos depoimentos supracitados e nas impressões visualizadas nas expressões dos discentes, essa avaliação inusitada, diferenciada, mas nem por isso menos séria, foi interessante, provocante e convidativa, o que de certo modo influenciou no aprendizado.

Partindo do pressuposto de que a avaliação é um processo complexo, entendido como parte importante da educação, através da qual busca-se a melhoria permanente da eficiência individual (SAKAMOTO E VERASTÉGUI, 2010), torna-se patente entendermos como algo que, apesar de poder ser representado por dados numéricos, não se restringe aos mesmos, envolve muito mais e, por isso, não pode se dá de maneira pontual.



Nessa perspectiva,

Entender a avaliação como processo contínuo de aprendizagem, é um caminho para se fazer educação que combine em ações que dão espaço ao conhecimento, ao sensível, a construção cultural e a um sujeito crítico e partícipe do contexto social (BOHN; SILVA, 2013, p.10)

Adotar uma metodologia interativa e que promova a participação direta do aluno na elaboração do seu próprio conhecimento pode ser uma estratégia apropriada a esse fim. Desse modo, superar a prática do exame e a análise limitada da apreensão cognitiva do aluno emerge como uma necessidade do atual processo de ensino e aprendizagem.

Para tanto é preciso ter consciência de que “Avaliar é o ato de diagnosticar uma experiência tendo em vista reorientá-la para produzir o melhor resultado possível; por isso, não é classificatória, nem seletiva, ao contrário, é diagnóstica e inclusiva (LUCKESI, 2002, p.5)”. Sendo assim, não pode limitar-se a identificar a quantidade de acertos em um instrumento, é crucial perceber e, além disso, possibilitar avanços a fim de que os estudantes consigam adaptar-se e sair-se bem nas mais diversas situações do seu cotidiano.

E uma das formas mais eficazes de promover o desenvolvimento é pelo fazer, ao realizar, construir, executar, expor, explicar, o sujeito torna-se ativo e por isso tem uma apreensão mais sólida. De acordo com Vilas Boas (2001, p.164) “alunos que constroem ativamente sua compreensão sobre novos conceitos desenvolvem estratégias que os capacitam a situar novas ideias em um contexto mais amplo”. O fato de estar inserido e responsabilizado, torna-o mais engajado e pertencente, o que resulta num maior aprendizado, pois aquela atividade tem sua marca, e portanto, expressa a sua identidade e seu conhecimento.

É importante ressaltar que o fato do aluno ter um papel mais ativo nesse processo não torna menos relevante a atuação do docente, visto que este acompanha, orienta e aprende simultaneamente. Tem, portanto, o professor atribuição fulcral no processo de avaliação construtiva, visto que a este “[...] caberá o papel de acompanhar todo o processo de avaliação, coletando dados, informações sobre o aluno e, cuidadosamente, registrando suas necessidades e possibilidades (GOMES, 2003, p. 3)”. Esse olhar atento e acompanhamento contínuo o faz particularizado com os detalhes fundamentais para a correção de erros, bem como, para o estímulo aos potenciais identificados.

Nesse sentido depreende-se que “(...) avaliação é aprendizagem. Enquanto se avalia se aprende e enquanto se aprende se avalia (VILAS BOAS, 2001, p. 175)”. E é justamente esse o grande objetivo educacional, que se tenha aprendido, não somente aos discentes mas a todos os envolvidos, visto sermos todos seres em crescimento, o que passa pela aprendizagem.

Dessa forma, fica claro a premência de recorrermos a estratégias que fomentem no aluno o ato criativo, bem como de buscarmos novas formas de avaliar como alternativa ao que está posto. A metodologia das Instalações Geográficas atende a essa demanda, pois como afirma Alexandre (2019, p.151): “[...] essa metodologia pode se manifestar em sala de aula como uma forma do professor avaliar seus alunos, fazendo o acompanhamento e diagnóstico do aprendizado com base na construção do saber.” Sendo assim, praticamos uma metodologia que tem caráter teórico/prático pautada na criatividade, o que instiga o desenvolvimento não só de saberes, mas de habilidades implícitas nos discentes.

Não só como estratégia avaliativa, mas como metodologia em si, esta foge ao tradicional e permite aos envolvidos expressar-se e elaborar um saber peculiar e próprio, o que enriquece e torna verdadeiro o ato de aprender. Vai de encontro à rotineira prática de reprodução e repetição do que nos é apresentado, prática que limita as pessoas a mesmice e a inércia.

Torna-se, nesse momento, oportuno observar a descrição trazida no poema abaixo, a partir da qual podemos fazer um paralelo com a metodologia aqui abordada.

### O Ferrageiro de Carmona

Um ferrageiro de Carmona,  
que me informava de um balcão:  
"Aquilo? É de ferro fundido,  
foi a forma que fez, não a mão.  
Só trabalho em ferro forjado  
que é quando se trabalha ferro  
então, corpo a corpo com ele,  
domo-o, dobro-o, até o onde  
quero.

O ferro fundido é sem luta  
é só derramá-lo na fôrma.  
Não há nele a queda de braço  
e o cara a cara de uma forja.

Existe a grande diferença  
do ferro forjado ao fundido:  
é uma distância tão enorme  
que não pode medir-se a gritos.  
Conhece a Giralda, em Sevilha?  
De certo subiu lá em cima.  
Reparou nas flores de ferro dos quatro jarros das esquinas?  
Pois aquilo é ferro forjado.  
Flores criadas numa outra  
língua.

Nada têm das flores de forma,  
moldadas pelas das campinas.  
Dou-lhe aqui humilde receita,  
Ao senhor que dizem ser poeta:  
O ferro não deve fundir-se  
nem deve a voz ter diarreia.  
Forjar: domar o ferro à força,  
Não até uma flor já sabida,  
Mas ao que pode até ser flor  
Se flor parece a quem o diga.

**João Cabral de Melo Neto**

Este poema tem inúmeras possibilidades de interpretações pela riqueza que contém, porém, aqui me detenho a ressaltar o fato da comparação entre o ferro fundido e do ferro forjado, faço a partir desta uma analogia com o processo de ensino tecnicista que nos quer moldar, assim como os procedimentos avaliativos amplamente praticados, que analisa se aprendemos o que nos foi repassado no formato que nos foi repassado, com o ferro fundido.

Ao mesmo tempo, é possível diferenciar o ferro forjado como o que tem forma própria, pois foi feito à mão e que por isso envolveu luta, esforço, mas que também por isso, torna-se diferencial. De modo similar podemos analisar os métodos diferentes de ensinar e de avaliar, como é o caso das Instalações Geográficas, exigem mais trabalho, esforço e atenção, mas cada produto exprime forma peculiar, porque expressam a visão e o saber de quem os produziu com base em pesquisa realizada, sem a qual esse procedimento não seria possível.

Conforme esta análise e o que já foi descrito ao longo desse texto, é notório que das Instalações Geográficas resultam um produto concreto que é a obra em si, e um abstrato que é a aprendizagem, os quais



são únicos e frutos da criatividade, e por conseguinte alvo de apreciação avaliativa. Mas, como avaliar o ato criativo, sendo este um aspecto tão subjetivo e particular? Apesar de não ser somente a criação avaliada nesta, mas todo o contexto, cabe aqui o entendimento desta indagação.

De acordo com Torre (2005, p. 234) uma das formas de avaliar a criatividade é a observação, o mesmo esclarece através deste poema:

Ainda que existam muitos caminhos  
E variedades de critérios  
para tentar avaliar  
criatividade e inteligência  
se soubesse OBSERVAR  
economizaria muito tempo,  
pois na observação você tem  
o atalho mais direto  
para poder informar-se  
de um processo tão complexo.  
Observe bem o olhar,

Que dá acesso ao sentimento;  
Anote bem o que diz  
E verá seu pensamento,  
Observe tudo que faz  
O que expressa com o seu corpo,  
O que transmite sua mente  
Com gráficos ou com gestos,  
E o que grifa sua alma  
Por meio dos silêncios.  
Aquele que sabe observar  
Lhe sobram os instrumentos!

A observação, nesse contexto, figura como uma ferramenta de avaliação da criatividade, por se tratar de uma atividade que envolve o sensível, a personalidade e, por isso, engloba a necessidade de perceber os sentimentos, olhares e pensamentos em torno do ato de criar, esta atitude representa recurso coerente com esta missão.

Nessa lógica, alguns predicados podem ser constatados nos alunos ao longo da realização das Instalações Geográficas, como: atitudes, iniciativas, compromisso, curiosidade, criatividade, expressão, criticidade, espírito de liderança dentre outros valores, que muitas vezes são despertados pelo criar, o que faz dessas práticas espaços de enriquecimento não só de conhecimentos, mas de habilidades dos sujeitos.

Por compreender não apenas uma criação, mas está inserida num processo de aprendizagem, a Instalação Geográfica permite-nos, e até nos exige, que analisemos para além da obra em si, e que ao aluno seja possibilitado interagir e produzir a partir de diferentes meios seu conhecimento, facilitando assim a observação e análise não só do produto final mas de todo o aprendizado.

Nesse contexto Ribeiro (2014, p. 70) detalha:

A avaliação por Instalações Geográficas exige do aluno conteúdo, pesquisa, imaginação e criatividade, entre outras competências possíveis de serem alcançadas com relação a atividade proposta pelo professor. Esses elementos ocorrem devido ao processo de combinação e de complexidade em particular do acúmulo de experiência.

É uma avaliação que no seu decorrer exige, e ao mesmo tempo, oportuniza o aluno, participação, interação e produção, tornando-se um atrativo pelo dinamismo com que se executa, aspecto que promove engajamento, entusiasmo e máximo envolvimento, produzindo apropriação do conhecimento.

Nessa lógica, podemos entender a metodologia como uma ferramenta avaliativa com caráter processual e formativo:

Não podemos deixar de apontar outra lógica – a formativa - para o processo avaliativo, que se preocupa com o processo de apropriação de conhecimento pelo aluno, os diferentes caminhos que percorrem mediados pela intervenção ativa do professor, a fim de promover a organização e regulação das aprendizagens, para que o fracasso não ocorra, inserindo o aluno no processo educativo. (RIBEIRO, 2014, p. 68)

Dessa forma, corresponde a um processo avaliativo que se mostra inclusivo e construtivo, preocupado com o avanço do discente, requerendo a partir da atuação do docente, possibilitar a melhor organização de suas percepções para levá-lo a aprender. Por meio deste, o estudante insere-se no processo educativo e desenvolve habilidades e competências determinantes à construção de conhecimento.

A esse respeito Ribeiro (2014, p.79) detalha como a elaboração de uma Instalação Geográfica contribui para um aprendizado mais consistente:

É importante salientar que o trabalho apreende o conhecimento pelos símbolos e signos, onde os alunos são levados a exercitar o pensamento para além da lógica formal e, sim em busca de uma lógica dialética, em movimento, pois os símbolos e signos são atrelados por associação ao conteúdo estudado levando os alunos a um ensino e aprendizado significativo diante dos processos cognitivos.

O exercício de materializar os conceitos estudados e fazer o movimento entre teoria e prática, buscando no cotidiano identificar os objetos que possam representar, mas não de maneira óbvia, os aspectos estudados, oportuniza a compreensão mais profunda e um entendimento significativo pelo discente.

A partir das discussões feitas aqui, evidencia-se o caráter construtivo do processo avaliativo com Instalações Geográficas ao identificar neste a possibilidade do aluno, envolvido em atividades diversas que lhes são propostas, compreender o melhor caminho a tomar com vistas a alcançar a aprendizagem. Avaliação, no entanto, não é a única qualidade inerente a essa metodologia, a qual apresenta inúmeras potencialidades ao trabalho didático-pedagógico, e é justamente disso que trataremos no próximo capítulo.



**4. MAIS QUE AVALIAÇÃO -  
POTENCIALIDADES DIDÁTICO-  
PEDAGÓGICAS DAS INSTALAÇÕES  
GEOGRÁFICAS**



A escola e a sala de aula são espaços ricos de interações, são, ao mesmo tempo, tensos, dinâmicos e permeados de trocas diversas entre os sujeitos que os fazem. Reconhecendo essa natureza é contraditório querer torná-los espaços inertes e móbidos, desse modo, faz-se necessário recorrer a estratégias que mantenham esses ambientes cada vez mais ágeis e intensos. As Instalações Geográficas apresentam atributos coadjuvantes dessa manutenção, vejamos.

A possibilidade de diversificação metodológica é um ponto alto da metodologia aqui descrita, visto envolver o tratamento do conteúdo a partir de recursos variados como música, filmes, experimentos, aulas de campo entre outros. Além disso, inclui a confecção de uma arte e a exposição da mesma o que gera todo um dinamismo no processo de ensino.

É interessante enfatizar que não basta apenas recorrer a recursos diversos, deve haver planejamento e objetivos definidos, pois mais que tornar as aulas dinâmicas, divertidas, o principal intuito deve ser a aprendizagem. Nesse sentido, Castrogiovanni *et al* (2016) afirma que uma das questões centrais da educa-

-ção é a construção do conhecimento, o qual é uma reconstrução do sujeito em sua unicidade, na relação mediada entre sujeito e objeto, mas que mesmo assim não deve ser individual, pois resulta de um processo social.

Nessa perspectiva, a realização das Instalações Geográficas exige do aluno, conteúdo, pesquisa, imaginação e criatividade, entre outras competências possíveis de serem alcançadas, com relação a proposta do professor (RIBEIRO, 2014). Nessa lógica é possível identificar outro grande potencial desta metodologia, o de permitir ao discente desenvolver habilidades diversas como: a leitura, escrita, a arte de criar, a oratória e a capacidade de trabalhar em grupo.

O desenvolvimento dessas habilidades passa pela pesquisa, visto que esse processo está permeado de possibilidades de ampliação do seu leque de habilidades, pois “o aluno que pesquisa aprende a observar, catalogar informações e analisá-las, reconstruindo constantemente o seu saber, construindo assim sua autonomia (NUNES & RIVAS, 2009, p.4)”. Identificamos aqui outro ponto forte da metodologia, a oportunidade de o aluno realizar pesquisa e assim, desenvolver a curiosidade e a capacidade de análise. Ao se sentir instigado a descobrir o aluno se aprofunda no aspecto investigado, pois, está ávido por respostas e nessa condição o faz com rigor e acaba desenvolvendo habilidades espontaneamente.

Além desta, o desenrolar da metodologia permite ao aluno ampliar o rol limitado de habilidades que é comumente trabalhado na sala de aula, uma vez que permite a este desenvolver a criatividade, a sensibilidade artística, a expressão, a oratória e o trato com o público, ou seja, habilidades que vão além do raciocínio lógico e que precisam ser fomentadas.

A relevância desse tipo de atividade para o desenvolvimento de habilidades do alunado, mostrou-se notória nos relatos dos próprios no pós-texto, quando indicam, por exemplo, estarem surpresos com o que conseguiram fazer, pela superação do medo de falar em público, e ainda, por sentirem-se bem ao realizar um trabalho em grupo.

Somadas às características anteriores, é interessante ressaltar o aspecto avaliativo desta metodologia, que se destaca pelo caráter formativo, ou ainda construtivo como denomina seu autor. Isto se deve ao fato de envolver todo um processo em que o aluno tem um papel ativo e conta com contínuo acompanhamento do professor, que orienta e auxilia o discente a encontrar possibilidades e formas mais adequadas para o seu aprendizado.

Essa abordagem coaduna com a afirmação de Demo quando diz: “no espaço educativo os processos são mais relevantes que os produtos (DEMO, 2005, p.107)”, pois, é no percurso que teoria e prática se integram e passam a fazer sentido para o aprendiz. Na avaliação construtiva o processo é tão valioso quanto o produto, diferentemente do que se observa na avaliação comumente adotada nas escolas, em que se privilegia ou se detém a um exame, ignorando todo o processo de aquisição do conhecimento.

Assim, a avaliação construtiva com Instalações Geográficas, mostra-se mais coerente com o processo de ensino aprendizagem, visto que leva o aluno a exercitar o raciocínio para além do padrão. E nessa associação entre signos e símbolos ao conteúdo, chega-se a uma síntese, o que gera um aprendizado efetivo, uma vez que dá-se por meio da prática e conta com impressão da sua visão na criação.

Não menos importante, o aspecto inclusivo que a referida metodologia apresenta merece destaque. Nas palavras de Silva (2019, p.72) compreende:

(...) uma metodologia que pode ser utilizada ou experienciada pelos mais diversos sentidos, tornando o espaço, objeto de estudo da geografia, algo acessível, tendo em vista que sua construção parte da reflexão e da sensibilidade das relações que cada aluno tem com o espaço, por meio das experiências por eles já vividas.

A afirmação ressalta a possibilidade de envolvimento de todos, independente de suas limitações, numa experiência de equidade e de inclusão em que os sujeitos têm a oportunidade de compreender o conteúdo geográfico de forma acessível. Este aspecto torna o processo mais democrático e permite uma relação de igualdade entre os discentes, visto que ao observar as obras as diferenças são imperceptíveis evidenciando o caráter equitativo desta.

Portanto, como foi apresentada, a Instalação Geográfica representa uma rica estratégia de ensino e de avaliação, na qual estão inseridos a dinamização, a produção de conhecimento, a integração, a superação de temores, o despertar de habilidades, a possibilidade de inclusão, enfim, a realização do processo de ensino-aprendizagem de forma mais completa. Representa, desse modo, uma estratégia acessível e que apresenta uma multiplicidade de aspectos a serem trabalhados, gerando resultados substanciais ao ensino de geografia.





**5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Produto educacional do Mestrado Profissional em educação da  
Universidade Regional Do Cariri - URCA

Alguns aspectos aqui discutidos reportam-nos à superação de padrões e a busca por meios que tornem o processo de ensino e avaliativo mais coerentes com a realidade e com as intenções de cada etapa escolar. Além disso, nos permite perceber que existem alternativas e que a criatividade e a ousadia são propulsores de mudanças. E ainda torna notável que essa mudança é fulcral para o desenvolvimento das sociedades.

A experiência vivenciada e descrita possibilita-nos enxergar que a atuação do discente é um requisito fundamental para o seu próprio aprendizado. Permite-nos ainda ponderar que a prova é um mero instrumento, que em pouco ou nada contribui para o avanço do indivíduo. E, finalmente que a metodologia Instalação Geográfica não é, nem pretende ser, uma receita pronta ou um modelo de avaliação com garantia de dar certo, mas oferece grandes contribuições a professores e alunos nos seus processos de ensinar, aprender e avaliar. Enfim, oportuniza-nos entender que caminhos diversos existem basta buscá-los, ou até mesmo criá-los. Mas para isso é preciso ousar, então, ousemos!

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Diego Leite. **Instalações geográficas e sua aplicabilidade em escolas da rede básica de ensino na região do Cariri – Ceará.** 2019. 186f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.
- BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e Cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In:
- BOHN, Letícia Ribas Diefenthaler; SILVA, Carla Clauber da. **Processos de avaliação em arte no ensino básico: provocações, inquietudes e reflexões.** 36ª Reunião da ANPEd. Goiânia, 2013.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CASTELLAR, Sônia *et al* (org.). **Ensino de Geografia e História.** São Paulo: Cengage Learning, 2015.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al* (org.). **Ensino da geografia: caminhos e encantos.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção do conhecimento.** 18 ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.
- DEMO, Pedro. **Teoria e prática da avaliação qualitativa.** PERSPECTIVAS, Campos dos Goytacazes, v.4, n.7, p. 106-115, janeiro/julho 2005.
- GOMES, Suzana dos Santos. **Prática docente e de avaliação formativa: a construção de uma pedagogia plural e diferenciada.** 26ª Reunião Anual da Anped. Poços de Caldas, MG, 2003. Disponível em: [http://www.anped.org.br/sites/default/files/9\\_pratica\\_docente\\_e\\_de\\_avaliacao\\_formativa.pdf](http://www.anped.org.br/sites/default/files/9_pratica_docente_e_de_avaliacao_formativa.pdf). Acesso em: 05 de jan. 2019.

JUNQUEIRA, Fernanda. **Representação sígnica nas artes:** a evolução da utilização de signos na produção artística. XIV Congresso de ciências da comunicação na região sudeste. Rio de Janeiro, 7 a 9 de maio de 2009

JUNQUEIRA, Fernanda. **Sobre o conceito de Instalação.** Gávea: Revista da história da Arte e Arquitetura. 14 ed. Rio de Janeiro, setembro, 1996.

KAECHEER, Nestor André. A geografia é o nosso dia-a-dia. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Geografia em sala de aula:** práticas e reflexões. 4 ed. Porto Alegre: editora da UFRGS/AGB, 2003

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais.** Eccos revista científica, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 79-88, 2002.

MUNIZ, Alessandra. **A música nas aulas de geografia.** Revista de ensino e geografia, Uberlândia, v.3, n.4, p. 80-94, jan/jun, 2012.

NUNES, Camila Xavier; RIVAS, Carmen Lúcia Figueredo Razoni. **Novas linguagens e práticas interativas no Ensino da Geografia.** In: Encontro de geógrafos de América Latina “caminando en una América Latina en transformación, 12, Montevideo, Uruguay, 2009. Anais do... Montevideo, Uruguay, 2009. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Ensenanzadelageografia/Metodologiaparalaensenanza/24.pdf>. Acesso em: 20 janeiro de 2020.

OLIVEIRA, Maria Kohl. **Vygotsky- aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1995.

PEREIRA, Suellen Silva. **A música no ensino de geografia:** uma abordagem lúdica do semiárido nordestino\_ uma proposta didático-pedagógica. Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 16, n.3, set/dez. 2012. p. 137-148

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação:** da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes médicas sul, 1999.

RIBEIRO, Emerson. **A arte e a criatividade em geografia.** Práticas pedagógicas em instalações geográficas. Crato: Universidade Regional do Cariri-URCA, 2016.

RIBEIRO, Emerson. **Avaliação ou pescaria?** Por uma distinta possibilidade da aprendizagem em Geografia na construção de Instalações Geográficas. Revista Brasileira de Educação em Geografia. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 91-104, jul./dez., 2011

RIBEIRO, Emerson. **Instalações Geográficas - pensando a avaliação construtiva para se trabalhar a geografia na sala de aula.** Revista do Departamento de Geografia – USP, v. 28, 2014, p. 65-81

RIBEIRO, Emerson. **Pesquisa e criatividade na formação do professor de Geografia.** Geografia, Ensino & Pesquisa, v.17, n.2, maio/ago., 2013

SAKAMOTO, Bernardo Alfredo Mayta; VERASTÉGUI, Rosa de Lourdes Aguiar. **Avaliação como ato de amor e não de exclusão.** II Simpósio nacional de educação. XXI Semana de pedagogia: infância, sociedade e educação. Cascavel, 2010.

SILVA, Alexandre Ribeiro. **Instalações geográficas:** uma contribuição ao ensino e a aprendizagem de geografia para alunos com deficiência visual. Dissertação (Mestrado profissional em Educação) - Universidade Regional do Cariri – URCA, Crato – CE, 2019, 97p.

SOARES, Maria Lúcia de Amorim. **Girassóis ou heliantos maneiras criadoras de conhecer o geográfico.** Socorocaba, SP: Linc, 2001

TORRE, Saturnino de La. **Dialogando com a criatividade.** São Paulo: Madras, 2005

VILAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Avaliação formativa e formação de professores:** ainda um desafio. Linhas críticas. Brasília, v.12, n.22. p. 159. Jan/jun. 2001.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. **Psicologia Pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2003.





Produto e

em educação da  
- URCA